

A PAIXÃO DA RAZÃO

HOMENAGEM

A

MARIA LUÍSA

RIBEIRO FERREIRA

Organizadores

António Pedro Mesquita

Cristina Beckert (†)

José Luis Pérez

Maria Leonor L. O. Xavier



CENTRO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2014

O MAESTRO E O ARTESÃO

DUAS NOTAS A PROPÓSITO DE HEIDEGGER

Irene Borges-Duarte
Universidade de Évora

À Luísa Ribeiro Ferreira
*com a alegria duma vocação partilhada:
o ensino da filosofia*

Quando há algo mais dum ano aceitei colaborar no projecto da Luísa Ribeiro Ferreira, “Aprender e ensinar num mundo em rede”, comprometi-me a desenvolver brevemente aquilo que constitui o essencial da concepção que Heidegger tinha do ensino da filosofia. Não havendo um texto em que o pensador tenha tematizado especificamente a questão do ensino ou da pedagogia da Filosofia, centrei-me naqueles escritos em que predomina a intenção de iniciar os alunos no fazer filosófico, para procurar neles o modelo de ensino que Heidegger promoveu na sua própria prática. Das várias “introduções à filosofia”, que leccionou entre 1919 e 1931, ressalta uma perspectiva, que unifica as diversas abordagens temáticas numa única forma de fazer: a que, no curso de 1928/29 – primeiro do seu retorno a Friburgo para ocupar a vaga de catedrático que o seu mestre Husserl deixara ao jubilar-se –, Heidegger explicita como “pôr em andamento o filosofar”.¹ A esta ideia ligavam-se duas outras, estruturando a sua concepção da missão de ensinar. Uma consistia no ponto de partida desta concepção: a tese de que “ser humano significa já filosofar” (*Ibidem*), o que implica que ensinar não é senão despertar uma capacidade adormecida e levá-la à plenitude. A outra, desta dependente, que a tarefa do mestre consiste em conduzir esse processo até à sua culminação, revelando os modos de fazer e incentivando a avançar no seu domínio criativo – ou seja, *liderando* a prática pela qual o filosofar se exerce e aperfeiçoa, nos contextos fácticos em que tem lugar.

Naquela altura, a sempre premente limitação do tempo disponível para a realização do estudo, no meio das habituais tarefas académicas, não me permitiu levar mais longe a investigação dos textos, deixando o trabalho encerrado com a pertinente coerência. Fiquei, porém, com vontade de voltar ao tema e trabalhá-lo em textos mais tardios. O que agora apresento, com a brevidade

1. Heidegger 1996: 4. Veja-se Vaz Pinto & Ribeiro Ferreira 2013: 229.

de duas notas, é o resultado desse meu retorno ao tema do ensino na meditação de Heidegger: a primeira, a propósito da relativamente recente publicação dos materiais para um seminário de 1941/42 (Heidegger 2008); a segunda, recolhendo a reflexão de 1951 sobre *Que significa pensar?* (Heidegger 2002).

1. O Maestro e a sua orquestra. Nota acerca de como exercitar o pensar

A publicação em 2008 de *Einübung in das Philosophische Denken*, um seminário para principiantes de 1941/42, permite-nos aceder a alguns aspectos da metodologia lectiva, a qual, na sua aparente singeleza, revela muitos rasgos do que é a prática fenomenológica heideggeriana.

Einüben significa, na verdade, pôr em prática com “persistente diligência” o pensar filosófico, para o qual o mestre despertou. Trata-se, então, não já apenas de pôr em andamento o pensar, mas de *mantê-lo* em andamento, *im Gang behalten* (Heidegger 2008: 154), o que só pode dar-se *pensando*. E para dar a entender o que tal possa significar, Heidegger compara o exercício do pensar, que deverá acontecer na aula (mas também fora dela), com o fazer e ouvir música – por exemplo, uma sonata de Beethoven² – o que, a par da crítica ao tecnicismo cientificista, sublinha o parentesco do pensar com a arte.

Já no curso de 1921/22 chamara a atenção para a afinidade entre o filosofar (*philosophieren*) e o musicar (*musizieren*, fazer música) explorando a proximidade de uso dos dois verbos germânicos, que não têm correspondente noutras actividades: o filósofo *filosofa* como o músico *musica*, mas não se pode empregar semelhante construção verbal a propósito das actividades científicas, o que denota uma “analogia” entre aquelas: em ambas, o músico e o filósofo não estão simplesmente ocupados numa prática profissional em que se manifesta um domínio técnico, abstraindo do que o *Dasein* de cada um é, mas tanto o verdadeiro músico, ao “fazer música”, como, naturalmente, o filósofo ao filosofar, são o que cada um é “justamente ao fazê-lo e por fazê-lo”.³ Esta analogia culmina, um pouco adiante, em duas breves alusões a Platão, quando diz que “a filosofia é a música suprema” e que por *mousiké* deverá entender-se “o rítmico, que se atém a uma ordem interna e ao dar-íma-gem (*Bilden*), que nela se consuma”.⁴

Exercitar o pensar consistirá, pois, de certo modo, em manter o ritmo de andamento, sob a batuta do maestro (*Leiter*), que leva o movimento do pensar

2. Heidegger 2008: 150ss. À evocação de Beethoven, Heidegger acrescenta a de Rembrandt, num paralelismo não plenamente desenvolvido com as Artes Visuais.

3. Veja-se Heidegger 1985: 47-48. Lamentavelmente, ao verter *musizieren* para português, a força do original perde-se, uma vez que “musicar” se usa mais no sentido de pôr música a uma letra, que no seu sentido pleno e original de “fazer música”, compor ou tocar.

4. Heidegger 1985: 50. Heidegger dá como referências o *Fédon* 61a e O *Sofista*, 216c.

à sua máxima radicalidade. Mas essa música produz-se com base numa partitura: “será bom que nos ponhamos na proximidade do pensamento dum «pensador», pois “os pensadores pensam de maneira excepcional”, dando-nos oportunidade, para

como na música ou nas artes visuais, co-pensar o pensamento dum pensador e repensá-lo. Mas a intenção [...] não é apenas a de saber o que é filosofia, mas de tentar, encontrar nesse pensamento algo essencial e ser apanhado por ele (Heidegger 2008: 151), [...] co-pensar o pensamento deste ou daquele pensador. (Heidegger 2008: 152)

Exercitar o pensar é, então, esse *manter-se cada um em andamento na descoberta do próprio*, co-pensando (*mitdenkend*) o pensamento de alguém, isto é, pensando-o por si próprio, mas em sintonia com outros, num diálogo concertante. Esta concepção sinfônica da aula prática de filosofia alicerça-se da seguinte maneira:

Em primeiro lugar, subordina-se a um *lema estritamente fenomenológico*, muito embora Heidegger não o mencione como tal: aquilo de que aqui se trata é de ir “às coisas elas mesmas”. Isto implica, por um lado, prescindir da ânsia de saber coisas e de mostrar saber coisas, complementares ao que de essencial vem ao encontro no tratamento de uma questão. Implica, pelo contrário, concentrar-se, como diz Heidegger, “sempre no mesmo”: “ter em vista sempre o mesmo”, “dirigir-se sempre inequivocamente ao mesmo” – o essencial, tomado na sua máxima simplicidade (Heidegger 2008: 154 e 155). Pois o que queremos propriamente não é andar para a frente, deixando para atrás o importante, no afã por descobrir algo novo, mas “ficar onde estamos”, nesse sítio onde talvez já estejamos sem o saber (Heidegger 2008: 156). Implica, assim, “não dar nada por suposto”, “nada de conhecimentos nem de domínio da «filosofia»”, “nada das opiniões e lemas que conhecemos por termos lido”. Tudo isso é meramente “impeditivo” (*hinderlich*) do pensar com “limpeza espiritual” (*geistige Sauberkeit*) (Heidegger 2008: 154-155). Implica, finalmente, a necessidade duma *mudança de atitude*, como já antes mencionamos, que mantenha em andamento a atenção ao essencial, prescindindo do que distrai e estruturando a vontade de perguntar e de ir à raiz.

Em segundo lugar, o modo de trabalhar na aula prática implica uma certa “maneira de proceder”, a que Heidegger, evitando tecnicismos, chama um fazer de artesão (*Handwerk*), cuja vontade espera que se desperte nos discípulos. Estes aspectos didáticos, aparentemente menores, explicitam contudo a metodologia de ensino dum dos mestres alemães, que mais poderosamente marcou a docência de todos os que pertenceram à sua escola. Resume-se a três regras muito simples:

- 1) *Wechselrede* (interacção discursiva) – prática do diálogo e intercâmbio de ideias e posições, “para o que é necessário sair de si”;

- 2) *Protokoll* (relatório) – prática da escrita precisa e elaborada do que o relator reteve do essencial de cada aula, a ser lido no início da seguinte, durante não mais de meia hora;
- 3) *Text* (texto) – prática da análise textual, como base do trabalho sobre o pensamento de um autor e das questões que levanta.

A primeira regra revela a necessidade de aulas práticas (*Übungen*), e não meramente teóricas (*Vorlesungen*), para se conseguir uma autêntica introdução no filosofar. A segunda postula a necessidade de manter o *ductus* lectivo como um *continuum*, cuja estrutura deve aparecer exposta com clareza e precisão, de maneira a ressaltar sempre o essencial e manter-se em conexão com ele. Mas supõe, além disso, que o ser se dá na linguagem e que esta há-de ser cuidada, rejeitando qualquer simplificação (como o mero registo estenográfico de apontamentos das lições⁵) ou banalização. A terceira estabelece a base material do pensar, sem a qual não é possível a etapa desconstrutiva, que Heidegger, após o fracasso de *Ser e Tempo*, chegou a considerar ser a forma por excelência de qualquer introdução ao pensar.

Este breve apontamento didático, inscreve-se, porém, numa concepção global do que é o pensar genuíno, que podemos encontrar na autenticidade dos grandes filósofos, mas também no pensar poético dos grandes poetas. A época destas aulas práticas é também a época da dedicação sistemática a Hölderlin, a Nietzsche e Rilke e às sentenças pré-socráticas. O mestre-artesão é também o mestre-maestro da interpretação das grandes vozes do pensar acadêmico e extra-acadêmico. Mas que podemos concluir acerca de como concebe Heidegger o *Dasein* enquanto ser-mestre?

2. O artesão na sua oficina: nota sobre ser-o-aí como Mestre

As três imagens do mestre, que encontramos nos textos – a do líder de uma forma de fazer, a do maestro ou director de orquestra e a do artesão na sua oficina – conjugam-se onticamente na figura histórica do docente Heidegger, constituindo diferentes facetas da sua imagem pública. Mas a estrutura unitária desses três aspectos, aquilo que ontologicamente as articula é uma certa forma de entender o *Dasein* à maneira do mestre, de compreender a sua obra como um pôr a descoberto da verdade por aqueles cami-

5. É conhecido que Husserl não só praticava, como incentivava o registo estenográfico quer como forma de tomar notas, quer como modo ágil de desenvolver ideias ou análises surgidas pontualmente. Muitos dos textos do seu legado são deste tipo. A manifestação heideggeriana, mais do que uma crítica ao mestre, sugere uma exigência de atenção à linguagem, como articulação plena do mostrar-se fenomenológico do ser no pensar, pensada na sua plenitude de sentido e referência.

nhos metódicos. Só no curso tardio e extraordinário, leccionado em 1951/52 e 1952 sobre *O que significa pensar?* – essa estrutura estruturante aparece com limpa clareza na descrição do que o *Dasein* é – sempre já uma relação:

Aprender significa: fazer com que o nosso agir [*Tun und Lassen*] corresponda ao que se nos oferece de essencial. O corresponder e, em consequência, o tipo de aprendizagem depende do tipo disso que é essencial e do âmbito de procedência do que se nos oferece. [...] Ensinar é ainda mais difícil que aprender. É bem sabido, embora raramente se pense nisso. Porquê [...]? Não porque o mestre tenha que possuir uma enorme soma de conhecimentos e tê-los sempre disponíveis. Ensinar é mais difícil que aprender porque ensinar significa deixar aprender [*lernen lassen*]. (Heidegger 2002: 17)

Corresponder ao essencial, que se nos proporciona existencialmente, agindo de acordo, incorporando-o no nosso fazer ou deixar de fazer (*Tun und Lassen*) quotidiano – é uma insólita definição existenciária do aprender. Implica a abertura ao novo, detectado como “essencial” e o procurar responder ao apelo desse *novum*, harmonizando com ele o nosso comportamento. Não é um fazer meramente técnico, uma mera ocupação. Mas acontece em qualquer âmbito do saber, cada um com as suas características próprias. O exemplo de Heidegger, que depois transpõe para a esfera do pensar, é, neste caso, o dum aprendiz de marceneiro:

O aprendiz de marceneiro, por ex., é alguém que aprende a fabricar armários e coisas parecidas, não se limitando, ao aprender, a exercitar a destreza no manejo dos instrumentos. Também não se limita a tomar conhecimento das formas usuais das coisas, que tem de fabricar. Se for um autêntico marceneiro, ele enfrentar-se-á, sobretudo, aos diferentes tipos de madeira e às diversas figuras neles adormecidas, como corresponde, no que respeita à madeira, a quem projecta a encoberta plenitude do seu ser no habitar humano. Esta relação com a madeira é até o suporte do ofício no seu todo. Sem esta relação ficaria agarrado à mera laboriosidade. A sua ocupação limitar-se-ia, então, ao negócio. Qualquer ofício e mesmo a totalidade do agir humano corre sempre este perigo. Nem o poetar nem o pensar são excepções a isto. (Heidegger 2002: 17)

O que nos interessa é, pois, que este fazer de ofício parte da relação com as coisas, que lhe são próprias, vendo nelas as suas possibilidades. O mesmo faz o professor com os seus alunos, sendo a *partir da relação* aprender-ensinar que se caracteriza o estar a ser essencial do ensinar: deixar que e fazer que o aprendiz possa aprender. Despertar, incentivar, dar pé a um responder harmónico do aprendiz, consistente não em adquirir conhecimentos, mas no gostar (*mögen*) de aprender, a capacidade (*Vermögen*) que converte em possibilidade (*Möglichkeit*)⁶ a abertura ao *novo* deste ou daquele tipo (marcenaria, música ou filosofia).

6. Veja-se o começo do curso, onde se estabelece a relação entre *Möglichkeit*, *vermögen* e *mögen*, radicando na afectividade a abertura geradora de possibilidades (Heidegger 2002: 5).

O autêntico mestre nem sequer faz com que se aprenda outra coisa que... o aprender. É por isso que a sua acção dá amiúde a impressão de com ele nada se aprender, se inadvertidamente, passamos agora a entender por “aprender” a aquisição de conhecimentos úteis. O mestre só vai à frente do aprendiz por ter muito mais a aprender que ele – nomeadamente, fazer com que se aprenda. O mestre deverá ser capaz de poder aprender muito mais que o aprendiz. E está muito menos convencido dos seus assuntos que o aprendiz dos dele. Por isso, na relação professor-aluno, se ela for verdadeira, nunca está em jogo a autoridade de quem sabe tudo, nem a influência autoritária de um mandatário. Por isso continua a ser grande coisa ser professor, o que é totalmente diferente de ser um docente famoso. Talvez por isso [...] haja hoje tão pouca gente que gostasse de ser professor. (Heidegger 2002: 17-18)

Ensinar, enquanto tornar possível o aprender, é algo a aprender pelo próprio ensinante, que só será mestre se o aprende: se aprende a dar a possibilidade de aprender. Como um mestre *zen*, Heidegger só parece querer ensinar esse nada, que é tudo: na relação, abre-se o aí-ser de cada um, para o que aí aceda a mostrar-se. Que o filosofar possa dar-se desse modo, à margem do conhecimento das filosofias, é o que parece perseguir o trabalho do mestre artesão na sua oficina. Mas o pensar vai ainda mais além do filosofar.

Referências

- Heidegger, M. (1985), *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles* (SS 1921/22), ed. W. Bröcker e K. Bröcker-Oltmanns, GA 61.
- Heidegger, M. (1996), *Einleitung in die Philosophie* (WS 1928/29), ed. O. Saame e I. Saame-Speidel, GA 27.
- Heidegger, M. (2002), *Was heisst Denken?* (1951/52), ed. P.-L. Coriando, GA 8.
- Heidegger, M. (2008), *Seminare (Übungen) 1937/38. 2. Einübung in das philosophisches Denken* (WS 1941/42), ed. A. Denker, GA 88.
- Vaz Pinto, M. J. e Ribeiro Ferreira, M. L. (org.) (2013), *Ensinar filosofia? O Que Dizem os Filósofos*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

Abstract

Martin Heidegger was not only one of the most important thinkers of the twentieth-century; he was also an extraordinary teacher for philosophy. However, one cannot find a specific text on this topic amongst his vast work. By focusing on a seminar from 1941/1942 and the lectures from 1951/1952, this essay aims at finding an overarching design for Heidegger's conception of the teaching activity as such – just as sketched in his *Introduction to Philosophy* (1928/1929). If, in the latter, the teacher is seen as *the leader of a (phenomenological) procedure*, in both the seminar and the lectures the role of the teacher is put side by side with that of the conductor (*Leiter*) of an orchestra – playing in concert the purest musical form of thought –, and of the *artisan* (*Handwerker*), who shapes the new in a special manufactory where each's ability to self-expression is forged. These three different, but interrelated meanings of the teacher's role help to render visible the *teaching craft*, a pure matter of “teaching how to learn”.